



Editorial

Caros leitores de Plura,

É com satisfação que apresentamos mais um número de nosso periódico de estudos de religião. Plura vem se consolidando no cenário acadêmico brasileiro e latino-americano com relevantes produções acerca do fenômeno religioso e suas relações com as disciplinas das ciências humanas, contribuindo para que o “caldo” intelectual de discussões se adense e, ao mesmo tempo, torne-se mais abrangente. Tal contribuição acadêmica tem se mostrado cada vez mais necessária ante um cenário de mudanças ideológicas, cujo norte apresenta-se obscuro, superficial e cheio de tendências ao radicalismo, inibindo o avanço do conhecimento e a crítica ao *status quo*. Diante disto, resta-nos a defesa de um pensamento qualitativamente sensível e plural.

Imbuída desta tarefa, a proposta da revista é reunir pensamentos reflexivos sobre religião, embasados em forte teoria e metodologia em ciências humanas, cumprindo com o que determina um bom periódico da área. Para isto, nosso pessoal de edição e pareceristas irmanam-se no desafio de apresentá-los este novo número. Ele vem com contribuições da História, Teologia, Filosofia, Ciência da Religião e Sociologia. Um trabalho multidisciplinar que acrescenta mais um capítulo ao panorama de discussões sobre religião no Brasil.

O primeiro artigo, de Fausto Irschlinger, vem tratar do pensamento de libertação latino-americano, a partir do discurso religioso cristão, e que influenciou sobremaneira as bases da teologia cristã na América Latina, legando a Teologia da Libertação e, mais recentemente, a Teologia de Missão Integral. O autor intenta, inclusive, estabelecer relações entre essas duas teologias, ancoradas nas tradições católica e protestante, respectivamente, sob uma influência socialista.

Em seguida, Luiz Alexandre Rossi e Diandra Brandt trazem uma discussão sobre o comportamento das comunidades cristãs originárias ante uma situação de imposição e domínio do império romano. Respeitadas as proporções,

trata-se de um estudo que se correlaciona política e socialmente com situações de exceção, onde fica clara uma estratificação entre dominantes e dominados, situação que acarreta o incremento da violência social, mas também ressalta a necessidade da resistência ante os discursos hegemônicos.

Em uma contribuição à análise do período oitocentista, rico em significados para nossa época, Magno Souza discorre sobre a viagem de D. Pedro II ao Oriente, notadamente à Palestina, e suas motivações pessoais, políticas e religiosas. Ele também analisa neste artigo o relacionamento do Imperador com outras religiões não oficiais, como o protestantismo, algo fruto de sua visão diversa e plural, interessado em outras formas de pensamento.

O artigo seguinte, de José Roberto Bonome e Fernando Lemes, vem discutir ainda dentro do período oitocentista o estabelecimento do congregacionalismo em território brasileiro a partir da ação do médico escocês Robert Reid Kalley. Este movimento representou o início da primeira evangélica de idioma português no Brasil, sob uma ação que envolvia a atenção à saúde (Kalley era médico) e educação, incrementando à cena religiosa do país, hegemonicamente católica, o protestantismo. A crítica do autor a esta dinâmica é que o discurso congregacionista, tendo pluralizado a presença religiosa no país, manteve-se restrito a uma elite econômica e culta, talvez como estratégia para influenciar os formadores de opinião do Império.

Em um estudo sobre a cultura visual religiosa, observado a partir do surgimento das Bíblias de Família Ilustradas, o Prof. Helmut Renders analisa a continuidade do protestantismo no Brasil. Em um período onde a crescente rejeição à Bíblia Protestante (versão King James) nas escolas e nos espaços públicos tornou-se comum, o uso de uma versão ilustrada passou a ser uma estratégia não só de continuidade, mas de maior impacto sobretudo por seu uso diário nas práticas devocionais das famílias. Isto favoreceu o estabelecimento de uma cultura visual protestante, marcando inclusive a cultura protestante brasileira.

Os três artigos seguintes trazem contribuições para a reflexão exegética bíblica e ontológica. O Prof. Germán Prósperi discute acerca da ideia docetista de um Cristo fantasma, baseado na obra de Tertuliano, *Adversus Marcionem*. O Prof. Osvaldo Ribeiro trata do sentido da tradução “pairar”, em Gênesis 1,2 a partir do hebraico e o impacto dessa tradução para a transformação semântica

do trecho, envolvendo inclusive a interpretação de termos que se encontram no contexto da narrativa. Por sua vez, o Prof. Luiz Carlos Rosa discorre sobre a fé prototípica de Abraão, tomando a perspectiva de Kierkegaard e correlacionando-a com o paradoxo absoluto da fé que se torna imanente a partir da encarnação do absoluto no Deus-homem Jesus Cristo.

Por fim, Matheus Carvalho empreende um estudo sobre o Hinduísmo a partir da compreensão das Leis de Manu sobre a *saṃnyāsa*, etapa da vida do ascetismo renunciante na cultura hindu. E Allan Coelho trata da relação capitalismo e religião enquanto possibilidade de abordagem, tomando como referencial a discussão de Walter Benjamin.

O número encerra com a comunicação de Luís Provinciatto sobre a pesquisa em filosofia da religião a partir do grupo de trabalho homônimo da SOTER.

Queremos agradecer a todos que colaboraram para a consecução deste número, ressaltando o trabalho dos pareceristas e do pessoal de edição, ao tempo em que desejamos a todos uma boa leitura e boas descobertas. Recebam nosso abraço em nome da Comissão de Redação da ABHR.

Cordialmente,

Ismael de Vasconcelos Ferreira